

Redes sociais como boca do mundo: perspectiva afrodiaspórica para pensar a comunicação, a arte e a inteligência artificial¹

Larissa Macêdo²

PUC-SP e Centro Universitário Belas Artes (FEBASP)

Resumo

Este artigo busca produzir uma reflexão sobre as práticas artísticas negras brasileiras compartilhadas nas redes sociais, em especial no Instagram. Para isso, articula uma discussão a partir de uma perspectiva afrodiaspórica com o conceito de redes sociais como boca do mundo, inspirado na noção de Exu Engubarijô, que evidência as ambivalências comunicacionais e artísticas presentes nestas plataformas digitais. A fundamentação teórica é de caráter multidisciplinar entre os campos da comunicação, da arte e das ciências sociais e parte do operador conceitual das encruzilhadas, de Leda Maria Martins, que permite estabelecer outras formas de leitura para as complexidades e potencialidades presentes nas práticas artísticas contemporâneas compartilhadas nesses sistemas de inteligência artificial.

Palavra-chave: exu; encruzilhadas; arte contemporânea; redes sociais; inteligência artificial.

Laroyê, Exu!³

Para pensar as práticas artísticas compartilhadas nas redes sociais a partir do operador conceitual das encruzilhadas, é fundamental compreender os princípios e as noções de Exu na matriz filosófica afrodiaspórica brasileira. Afinal, Exu é a própria encruzilhada. É a linguagem e o regente do sistema nagô⁴.

A encruzilhada é o umbigo e também é a boca do mundo. É o lugar da noção de Exu Engubarijô – a boca coletiva – que tudo come e nos devolve de maneira transformada. Exu é a própria encruzilhada e a sua força propulsora, portanto sem ele não haveria movimento, a dinamicidade da vida, princípios esses fundamentais para a existência. Exu rompe com as lógicas dicotômicas. As encruzilhadas são fronteiriças, mas também são a criação de possibilidades nas fronteiras e, principalmente, de decisão diante dessas encruzadas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e docente nos cursos de Comunicação Social e Licenciatura em Artes do Centro Universitário Belas Artes (FEBASP), São Paulo (SP), Brasil. E-mail: larissacsmacedo@gmail.com.

³ Laroyê: saudação para Exu, o orixá das encruzilhadas e da abertura e do fechamento dos caminhos. Uma observação importante para os termos de matriz afro-diaspórica: neste resumo expandido, a maioria das palavras de etimologia do continente africano foram grafadas de acordo com os usos e a linguagem falada da língua portuguesa no Brasil.

⁴ Nagô ou anagô foi um dos últimos grupos étnicos sequestrados pelo regime escravagista colonial e trazido para o Brasil. É composto por pessoas da África Subsaariana (sudoeste da Nigéria, Benim, Togo, entre outros países) que falavam o idioma iorubá. O termo nagô assume, na diáspora africana, uma conotação que reverencia as culturas e populações do grupo étnico iorubá. O uso demasiado do termo no Brasil o tornou um sinônimo para iorubá. Porém, cabe mencionar que tanto uma quanto outra remetem a um grande e diverso complexo cultural composto por uma pluralidade de línguas e culturas.

Como ferramenta analítico-metodológica, Leda Maria Martins articula o operador conceitual das encruzilhadas em dois termos que proporcionam aberturas de caminhos analíticos e pluriversalidade de sentidos, como é a própria encruzilhada: como princípio que oferece a possibilidade de leitura e interpretação da produção de conhecimentos afrodiaspóricos; e a encruzilhada como o território onde essas trocas se estabelecem, nas relações de conflito. Ou seja, encruzas como geradoras de outras possibilidades de trânsitos e linguagens.

Ao pensar as práticas artísticas compartilhadas nas redes sociais a partir do operador conceitual das encruzilhadas, temos ambas as possibilidades acontecendo: a encruzilhada como perspectiva de leitura dos trabalhos produzidos e compartilhados nas redes sociais por artistas, curadores e arte-educadores negros brasileiros, como parte de suas práticas artísticas; e a rede social como encruzilhada e, portanto, território ambivalente, intenso e conflituoso onde essas trocas se estabelecem, gerando, assim, tanto encruzilhadas poéticas com as linguagens e procedimentos artísticos e comunicacionais inerentes às características e funcionalidades desses aplicativos, quanto as encruzilhadas éticas que tensionam os regimes de visibilidade, invisibilidade e demais opressões fruto das lógicas algorítmicas desses *apps*.

Redes sociais como boca do mundo: inteligência artificial como encruzilhada

Se Exu é a boca que tudo come, a rede social é uma das bocas do mundo! Seguindo a máxima de Enugbarijó, senhor da boca coletiva, podemos dizer que a rede social também é a boca que tudo come e restitui de forma transformada. Uma boca com apetite voraz, dentes e línguas afiadas, que comunica, multiplica, transforma e se expande com pluriversalidade de linguagens, de intensidade e de caos. Rede social que, como a própria encruzilhada, devora tudo que é criado e compartilhado nesses aplicativos e produz desde a potência das práticas artísticas até a disseminação de discursos de ódio, racismo algorítmico e muitas outras violências e opressões. Rede social como uma encruzilhada ética, estética e política. Um lugar de comunicação, trocas, criações, crises, ordem e desordem, como nos ensina Exu.

As redes sociais são sistemas de inteligência artificial (IA), aplicativos que funcionam por meio de códigos, os algoritmos, que não são neutros e não há transparência sobre o funcionamento desses sistemas, pelo contrário. Como afirma o pesquisador Tarcízio Silva: “As plataformas reforçam discursiva e legalmente a opacidade e a evasão de responsabilidade para se protegerem também da percepção pública sobre o volume de comportamentos nocivos que processam a cada dia” (SILVA, 2022, p. 45).

A rede social como boca do mundo, boca que tudo come, que restitui de forma transformada e também que comunica, que é potência criativa, que é intensiva nas trocas e linguagens e que tem o caráter comunicacional como força motriz, é uma expressão de Enugbarijó, noção de Exu que tem a boca faminta, que come tudo que a boca come. Propulsiona as potências artísticas compartilhadas, práticas que são características das encruzilhadas dessas comunidades on-line. Rede social como boca do mundo que engole tudo e vomita também o ódio, o racismo, a misoginia e as demais opressões codificadas em seus algoritmos. Assim é a inteligência artificial como encruzilhada! Exu mostra que a língua pode ser boa ou má, depende do seu uso⁵. Que a gente possa cada vez mais compreender essas encruzilhadas e que essa compreensão nos impulse a avançar. Axé!

⁵ Mito 167. Exu Mostra que Língua Pode Ser Boa ou Má, Brasil, 2005: Oxalá pediu a Exu que lhe servisse, em refeição, a melhor coisa do mundo. Exu foi ao mercado, comprou língua bovina, preparou-a e deu ao orixá. Farto de tanto comer, Oxalá aprovou a escolha e, para o dia seguinte, solicitou que lhe fosse dado para comer a pior coisa do mundo.

Referências

MACÊDO, Larissa (org.). **Laboratório de tecnologias e artes**: perspectivas para contracolonizar o pensamento – encruzilhadas: tecnologias ancestrais e tecnologias artificiais. São Paulo: [s.n.], 2024. Livro eletrônico. Disponível em: <https://www.projetoater.com/laboratorio-tecnologias-e-artes>. Acesso em: 21 jun. 2025.

MACÊDO, Larissa. **Encruzilhadas**: práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais. 2023. 293 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/40819>. Acesso em: 21 jun. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022. E-book.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Exu**: um deus afro-atlântico no Brasil. São Paulo: Edusp, 2022.

Novamente Exu preparou-lhe língua bovina. Então, explicou: a língua pode ser boa ou má dependendo do seu uso (adaptado de Martins, 2005, p. 39)” (SILVA, 2022, p. 545).